



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	RELATO/REFLEXÃO DE UMA EXPERIÊNCIA NO REGISTRO ETNOMUSICOLÓGICO COLABORATIVO DE CANTOS KAINGANG
Autor	ALEXANDRE MOTTA RAVANELLO
Orientador	MARILIA RAQUEL ALBORNOZ STEIN

RELATO/REFLEXÃO DE UMA EXPERIÊNCIA NO REGISTRO ETNOMUSICOLÓGICO COLABORATIVO DE CANTOS KAINGANG

Autor: Alexandre Motta Ravanello

Orientadora: Marília Raquel Albornoz Stein

Instituição de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esta pesquisa trata da experiência de colaborar no registro de cantos Kaingang, motivado pela confecção de materiais didáticos destinados a escolas de aldeias Kaingang no sul do Brasil. No âmbito do projeto Saberes Indígenas na Escola, de formação continuada de professores Kaingang e Guarani (ForProf, MEC), professores Kaingang (Guarita, RS) demandaram a gravação de um CD. Esta comunicação visa compreender as escolhas feitas no processo de registro sonoro do CD, a exemplo de trabalhos em etnomusicologia colaborativa com coletivos indígenas no sul do Brasil (LUCAS & STEIN, 2012[2009]; SILVA *et al.*, 2010[2005]), assim como aproximar-se de um entendimento sobre a música Kaingang, a partir da interlocução com os professores e do estudo comparativo com pesquisas em etnomusicologia Kaingang (ARNT, 2005; FREITAS, 2005; ROSA, 2005). A contextualização do registro nos ajuda a compreender a escolha do repertório das 11 canções gravadas, em Português e Kaingang. Com ênfase na história e no modo de ser Kaingang, o canto “Nós somos índios Kaingang” reforça valores e a identidade étnica deste povo. Ao mesmo tempo, este e outros cantos exploraram seu pertencimento a um imaginário nacional, indicando poeticamente sua afirmação como brasileiros, a exemplo do “Hino Nacional Brasileiro”, cantado em língua Kaingang. Nos referidos cantos, uma diversidade de cenas, contextos, relações sociais e sonoridades se expressam, trazendo aspectos sociocosmológicos de diferentes naturezas. O canto “Kaféj vỹ goj kri nãgnãr” envolve a descrição – poética e melódica - de sons do rio, do milharal e da serpente, personagens de força mítica para o grupo. Citações melódicas em outras músicas falam de outras relações, como é o caso do canto que se constitui de forma semelhante a uma marcha de carnaval do início do século XX, indicando relações sociais desta comunidade Kaingang no âmbito de circuitos de rádio-difusão e de festas populares urbanas. Outro canto, próprio de bailes Kaingang, em que diferentes cores e atitudes são esperados de distintos participantes da festa, remete à lógica dualista Kaingang e sua impregnação nos diferentes rituais e nas suas músicas. Para a presente reflexão, é válido o diálogo com a etnografia musical de Arnt, sobre os cânticos de guerra Kaingang na Grande Porto Alegre (2005). Em performances públicas interétnicas, os Kaingang optaram por um repertório de cantos e danças de guerra, motivados pela carga política da mensagem aos não indígenas. O mesmo questionamento sobre a motivação da escolha do repertório ocorreu neste projeto. Partiu-se da hipótese de que o destino didático do registro deveria envolver o interesse em preservar o conhecimento tradicional do grupo, para que os alunos pudessem ter acesso a elementos originários da sua cultura. Em um segundo momento, interpretamos outros fatores das memórias sonoras deste povo: um complexo engajamento social intra e interétnico e variadas formas sonoras de afirmação identitária como coletividade, lidos muitas vezes por não-indígenas como externos à cultura Kaingang. Percebemos como elementos - que em uma escuta rápida se associam ao mundo moderno, urbano, não-indígena - são incorporados e ressignificados pelo grupo, apropriados a suas memórias e tradições. Neste sentido, a gravação destes cantos em um CD didático reforça que tais conteúdos musicais e sociais são componentes do complexo musical Kaingang, na medida de sua prática, no cotidiano, nas festas e escolas. Caminhando lado a lado, pesquisador não-indígena e professores Kaingang vêm constituindo esse processo de produção sonora com base na negociação e no respeito à diferença, considerando memórias, trajetórias, intenções educativas e aprendizagens recíprocas dos envolvidos.